

DESCOBRINDO OS JARDINS: DISCUSSÕES DE IDENTIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO¹

Edylane Eiterer*

Resumo

A intenção deste artigo é abordar as questões referentes à memória, à identidade e ao patrimônio cultural, a partir de uma experiência didática realizada junto aos estudantes do oitavo ano do Colégio de Aplicação da UFJF nas dependências do Museu Mariano Procópio, na cidade de Juiz de Fora. A atividade foi pensada e desenvolvida com os estagiários do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora – (UFJF) – nas disciplinas de Didática e Práticas no Ensino de História I e II.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Patrimônio cultural.

INTRODUÇÃO

Não raro, muitos alunos sentem-se perdidos nas aulas de História. Há ainda uma carência com relação ao despertar da importância da disciplina nos currículos escolares e um questionamento por parte dos alunos que, muitas vezes, se observam descolados da História ensinada.

Muitas são as discussões que buscam tornar as práticas de ensino dessa disciplina mais dinâmicas, mais próximas das realidades dos alunos, mais envolventes e mais aguçadoras; e, aproveitando o espaço do Colégio de Aplicação João XXIII² como um laboratório de experiências e novas possibilidades, o patrimônio cultural local e as metodologias de educação patrimonial surgiram como alternativas de trabalho.

Lidar com as tarefas cotidianas e os tantos programas a cumprir torna a escola um espaço por vezes sufocante, pouco atrativo, de muita cobrança e, com relação ao ensino de História, com poucas atividades práticas. É preciso cumprir as metas de aprovação, os conteúdos programáticos dos vestibulares, concursos, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e tantas outras demandas, o que pode levar o professor a uma mecanicidade em seu trabalho, o aluno a cair na distração e o ano letivo se deixando levar.

Para romper com esse círculo vicioso, foi desenvolvida uma experiência de articulação entre a educação e o patrimônio cultural local, sem que se abandonasse a legislação e as orientações voltadas para a educação brasileira e as diretrizes confluentes com a essência de um colégio de aplicação na (in)formação dos alunos.

* Doutoranda em Estudos Interculturais da Europa Medieval Mediterrânea (Universidade de Alicante, Espanha). Professora substituta de História no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: edylaneeiterer@yahoo.com.br

É prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) uma prática educacional que atenda à compreensão, por parte dos alunos, da realidade social, dos direitos e responsabilidades de cada um, seja em sua vida pessoal, coletiva ou no ambiente em que vivem, existindo uma flexibilidade para a elaboração e organização do currículo, o que foi aproveitado no bojo do desenvolvimento das atividades.

A escola foi tomada como um espaço de descobertas e reconhecimento das histórias e memórias de cada aluno e da própria cidade, para, a partir de então, a relacionarmos com os conteúdos históricos. Essa postura fez com que surgissem ações educativas de inclusão e de reconhecimento das nossas ações culturais e dos bens existentes do patrimônio cultural local com a história (ANDRADE, 2010).

Antes de mais nada, fizeram-se necessários os rompimentos de alguns paradigmas: primeiro em relação ao espaço de ensino, segundo sobre o que se entende como papel do historiador-professor e, por fim, as próprias metodologias de trabalho.

Ensinar e aprender História no contexto atual exige que o professor tenha sensibilidade, postura crítica e reflexões permanentes sobre as suas ações e as da sociedade em que vive, desse modo, não se pode pensar que apenas a escola seja um espaço em que se constrói o conhecimento histórico.

As relações sociais, o cotidiano, os meios de comunicação são elementos que ajudam na construção dos saberes que compõem o senso comum e que estão arraigados em professores e alunos. A trajetória de cada indivíduo traz em si saberes que são referências e precisam ser considerados no processo da construção da História e no seu entendimento, por isso, faz-se necessária uma reflexão do professor como mediador de debates e facilitador no rompimento de paradigmas, inclusive os próprios.

Se o meio em que vivemos é encarado como grande espaço de construção do conhecimento, a

amplitude de metodologias chega a tal ponto, que a História será tangível a todos os alunos a partir de suas próprias histórias pessoais, memórias, referências e identidades que, depois de analisadas e compreendidas resultarão na formação cidadã de cada um.

O papel do historiador-professor passa, então, a ser revisto e atrelado às possibilidades formativas e educativas da História – agora perceptível em todos os espaços, e não mais apenas nos livros didáticos, apostilas e salas de aulas:

a História como saber disciplinar tem papel fundamental na formação do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças, desigualdades e contradições múltiplas. Muito além da simples memorização mecânica de datas, fatos, acontecimentos e nomes de personagens, precisamos questionar e buscar compreender o como e o porquê das experiências históricas (FONSECA, 2009, p. 83).

Já que o historiador-professor rompe com os espaços de ensinos e com uma função de mero transmissor de conteúdos para ser um construtor de reflexões, a relação de ensino e aprendizagem precisa se dar de modo mais dinâmico e convidativo. Saber colocar as perguntas para possibilitar os debates é um desafio metodológico que, no caso dessa atividade, foi satisfeito ao estreitar ligações com a educação patrimonial.

O extrapolar da sala de aula é necessário. Trabalhar o patrimônio cultural é colocá-lo diante dos alunos *in loco*. É romper com a noção de que há espaços específicos para se desenvolver o aprendizado. É aproximar a História deles como resultado da ação dos homens, construção plural e dinâmica. Dessa forma, o Museu Mariano Procópio (Mapro) tornou-se o lugar das atividades das aulas de História.

Essas novas perspectivas trouxeram para a sala de aula o entendimento do patrimônio cultural, antes incompreendido. Foi aclarado que, em sua trajetória, o homem busca registrar as suas ações, preservar as suas

memórias e, também, valorizar as diversidades culturais e manter as identidades, e o museu passou a ser o ponto de partida para as discussões.

Apresentam-se neste texto algumas reflexões obtidas tanto em momentos anteriores com as pesquisas que resultaram em uma dissertação de mestrado (EITERER, 2013) quanto em práticas cotidianas nas salas de aulas cujo pano de fundo foram os elementos do patrimônio cultural e as metodologias tão diversas que a educação patrimonial proporciona, incorporando naturalmente elementos da diversidade, da cultura local e das memórias, temas indissociáveis da História.

Longe de prescrições, o que se segue são olhares sobre o estreitamento entre a História e o patrimônio cultural, já sugerido pelas legislações brasileiras e incorporado em práticas exitosas no cotidiano escolar tratando da identidade, cultura, diversidade e história local com alunos do oitavo ano do ensino fundamental.

Vale ressaltar que os trabalhos ocorreram em três momentos: estruturação e elaboração, aulas expositivas e aula de campo, além da elaboração de materiais didáticos e jogos direcionados para o desenvolvimento de atividades que despertassem a reflexão sobre os temas escolhidos. A avaliação dos alunos e do próprio trabalho também foi constante e considerou diversos vieses, tanto do crescimento pessoal e escolar dos alunos quanto da validade e pertinência de atividades como essa ao longo do período letivo.

1. EXTRAPOLANDO OS MUROS DA ESCOLA: DESCOBRINDO NOVOS ESPAÇOS DE SEDUÇÃO E CONHECIMENTO

Transpor os muros da escola. Experimentar o novo. Desenvolver o gosto e o hábito pelos estudos. Entre outras, essa é a função que cabe aos Colégios de Aplicação. Desde a implementação destes, na década de 1950, e em nosso caso desde o ano de 1965, em

que foi inaugurado o C. A. João XXIII, a busca por novas metodologias é uma constante nas aulas, para a qual reúnem esforços os professores e os estagiários das licenciaturas.

Enxergar a escola como um espaço complexo de debates, permeados de fontes históricas latentes, e democrático leva a diversas possibilidades de ensino e aprendizagens, que podem ser alcançados e ampliados através da construção de práticas metodológicas que sejam diferentes e potencializadoras das relações educativas tanto para a disciplina de História em si mesma quanto em sua relação com o cotidiano dos alunos.

Pensando em uma alternativa mais lúdica para se trabalhar a questão da identidade e memória associando-os com a História, foi estruturado um projeto de aulas teóricas e de campo para explorar os jardins do Museu Mariano Procópio como ponto de partida para as reflexões³.

O projeto desenvolveu-se a partir de dois objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais⁴ para o quarto e quinto ciclo do ensino fundamental na área de História:

conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações (BRASIL, 1997a, p. 7).

Antes de iniciar os trabalhos com os conteúdos referentes à construção da identidade nacional, foi apresentada aos alunos a ideia de identidades, no plural, para cada indivíduo, de maneira que outro conceito importante para essa discussão fosse assimilado: a diversidade.

Elencaram-se os temas norteadores para as aulas: identidade, diversidade, nação/nacionalidade e memória, não nos esquecendo de relacioná-los com os

conteúdos – a construção do Estado nacional brasileiro – mas ultrapassando as barreiras temporais e buscando o tempo todo um paralelo com o presente e com a história da cidade de Juiz de Fora.

Os esforços se deram no sentido de se encontrar alternativas lúdicas para trabalhar com o tema, utilizar as diferentes linguagens como meio para produzir os conhecimentos e alcançar os alunos com uma aula diferente de todas as que já haviam experimentado, seduzindo-os com novos olhares sobre as antigas memórias locais e pessoais.

O que foi feito, em suma, foi um resgate das memórias pessoais, trabalhado em um espaço que não era imaginado como um meio didático por esses alunos, dando a ele uma resignificação valiosa para o entendimento da história local.

Tanto o tempo presente quanto os conhecimentos prévios dos alunos foram ferramentas importantes na construção e desenvolvimento das atividades para o estabelecimento de relações com os objetivos estudados, pois

antes mesmo da intervenção educativa, as crianças têm ideias prévias sobre quase todos os temas que a escola aborda. O educador precisa conhecê-las para não ensinar o que elas sabem e não fazer propostas além do que são capazes de compreender. É importante ter em mente que o seu papel é ajudar a construir ideias mais profundas e próximas dos objetivos escolares (OLIVEIRA, 2008, p. 98).

Um cuidado ao lidar com esse conhecimento prévio dos alunos diz respeito ao senso comum, base desse saber, e geralmente construído através de informações advindas de diversos meios, que podem ter arraigados preconceitos, estereótipos, reforços de desigualdades (sociais, étnicas, culturais) que precisam ser desconstruídos para não se tornarem empecilhos aos objetivos finais.

A atividade foi pensada a partir da perspectiva da História local, visando alcançar os patrimônios culturais

do entorno do Colégio de Aplicação João XXIII até o Mapro. A caminhada até o local da aula de campo objetivava sair da teoria, respirar o museu, perceber a rua como um ambiente a ser analisado e a estrutura urbana como detentora de muita História, rompendo a inércia. A ação tornando o ensino e a aprendizagem da História em algo prazeroso, prático, tangível e, nesse caso, divertido. De acordo com Fonseca,

a organização do processo de ensino por meio de projetos [...] é algo concreto e complexo. Parte de duas premissas básicas: primeiro, a concepção de projeto pedagógico como um trabalho intencional, compreendido e desejado pelo aluno. A segunda é o entendimento de que todo projeto visa à realização de uma produção, sendo o conjunto de tarefas necessárias à sua concretização empreendidas pelos alunos sob a orientação do professor (2009, p. 139).

A História nos currículos das escolas constitui o que se chama de saber histórico escolar. Cabe, então, ao historiador-professor não se prender tanto aos pontos do conteúdo, mas a dirigir os seus olhares para os procedimentos, as metodologias que levarão seus alunos tanto a utilizar os seus saberes quanto a construir novas visões a partir de reflexões.

Uma vez que o colégio de aplicação é um espaço de experimentações, o objetivo desse projeto era construir novos meios de se entender a relação da identidade, da memória e do patrimônio cultural a partir das aulas sobre a formação dos Estados nacionais ao longo do século XIX, na Europa e no Brasil, e transferi-la, reservadas as proporções temporais, mas preservando-se os conceitos, para a fundação da cidade de Juiz de Fora.

Acuminação foi uma aula de campo, que mesclou momentos de retomada dos conceitos fundamentais da História e outros que fazem parte diretamente da formação de nossos alunos como cidadãos e sujeitos sociais, já que

o aluno é um ser social completo. Ele não apenas estuda e aprende, mas faz a história, participa da

história, possui concepções, informações sobre os fatos históricos. Tem vida própria fora da escola, participa de outras organizações além da escolar, com as quais convive e aprende, ou seja, possui conhecimentos múltiplos, e esse saber já constituído deve ser o início do caminho a percorrer (FONSECA, 2009, p. 144).

Em uma saída da escola, como essa em que os alunos fizeram uma caminhada pela cidade até chegar ao local da aula de campo, houve a oportunidade de observar realidades sociais que dialogam com a educacional, ressaltando que o conhecimento histórico está além dos livros didáticos, das tradições, e muito mais próximo de cada um deles, no cotidiano.

O projeto adotou a concepção de Romano, segundo a qual

os conteúdos ensinados/aprendidos na escola precisam ser tratados pelos professores e entendidos pelos alunos como uma rede de relações. Nessa rede, esses conteúdos de princípios, fatos, procedimentos, atitudes, estão inter-relacionados e não são como pontos isolados que são ensinados/aprendidos de forma fragmentada, cabendo ao aluno, numa tarefa solitária e muitas vezes, sem êxito, estabelecer as conexões, os significados, para que possa compreender o mundo e a si mesmo (2007, p. 19).

Para que essa concepção se efetive, é necessário recriar as relações de professores para com os alunos, de modo a possibilitar que o conhecimento histórico e a realidade social se cruzem em benefício do fortalecimento do papel da História na formação social e intelectual de indivíduos para que, de modo consciente e reflexivo, desenvolvam a compreensão de si mesmos, dos outros, da sua inserção em uma sociedade histórica e da responsabilidade de todos atuarem na construção de sociedades mais igualitárias e democráticas (BRASIL, 1997a, p. 29).

Ao longo dos estudos e das práticas, foram repensados os entendimentos sobre identidade e realizadas discussões sobre qual a sua relevância para a formação

dos alunos e sobre a importância de se desenvolver o sentimento de pertencimento e, também, o senso crítico, para que os alunos pudessem, ao final, entender o seu próprio papel sociocultural ativo no processo de aprendizagem, de construção, reconstrução e apropriação dos conhecimentos (BERUTTI, 2009, p. 29).

Outro ponto abordado foi patrimônio cultural, já que esse debate remete “às preocupações do mundo de hoje de preservar não só as construções e os objetos antigos, mas também a natureza e as relações dos homens com tudo isso” (BRASIL, 1997a, p. 90). Se, como colocou Aloísio Magalhães, só se preserva o que se ama e só se ama o que se conhece, a visita ao museu e às exposições devem possibilitar debates sobre a preservação da memória dos grupos sociais mais diversos.

Está claro que

discutir a abordagem do Patrimônio Cultural nas salas de aulas é uma tarefa que se apresenta diretamente ligada à de aclarar os conceitos que lhe são próximos. [...] Nosso ponto de partida é salientar o que entendemos como Patrimônio Cultural, como ele é concebido pela sociedade e as relações de poder e fascínio que ele pode estabelecer com os indivíduos ao ponto de ser entendido como elemento crucial na formação e manutenção dos ideais dos Estados Nacionais, estando aí implicadas as suas ligações com as identidades e memórias individuais e coletivas, perpassando também pela discussão da diversidade e pluralidade cultural (EITERER, 2013, p. 25).

Antes, durante e depois da visita aos jardins do museu, dando continuidade às aulas anteriores, os temas de estudos e a questão do que é considerado patrimônio histórico-cultural e sua relação com a preservação da memória foram trabalhados por meio de um material didático de suporte, abrindo espaço para considerar as hipóteses levantadas pelos alunos sobre o que acreditam ser patrimônio e as informações de conhecem sobre o assunto.

As atividades convergiram tanto para as descobertas sobre o passado da cidade, a grandiosidade

de seu patrimônio quanto para a preservação do patrimônio cultural, relacionando-o com as memórias e as identidades locais, regionais e, enfim, nacionais (BRASIL, 1997b, p. 91), lembrando que:

na virada do século XX para o XXI, o patrimônio deve contribuir para revelar a identidade de cada um, graças ao espelho que ele oferece de si mesmo e ao contato que ele permite com o outro; lugar de pessoa pública; lugar da história edificante, lugar da identidade cultural (POULOT, 2009, p. 14).

Como elemento que ajuda a formar essa identidade e que se liga a momentos históricos importantes na formação dos Estados nacionais, aponta-se a ausência de neutralidade nos Patrimônios Culturais, de modo que funcionam muito bem como

aparelho ideológico da memória: a conservação sistemática dos vestígios, relíquias, testemunhos, impressões, traços, servem de reservatório para alimentar as ficções da história que se constrói a respeito do passado, sendo a história do patrimônio, a história da construção do sentido de identidade (CANDAU, 2011, p. 158).

Uma visita aos jardins do museu despertou, sobretudo, a relevância de se considerar que se trata de um espaço de preservação e divulgação da memória, sendo possível desenvolver com os alunos debates sobre a importância e o significado sociais dos museus e das exposições no cotidiano da população, na formação de identidades, na sua formação cultural e educacional, formação essa que ocorre em momentos de passeios e lazer.

O que importa é mostrar que a ludicidade não perde de vista os objetivos centrais da experiência que engloba desde a utilização de um espaço não formal de educação, rodeado pela natureza – o conjunto arquitetônico e os jardins do museu são um patrimônio cultural material tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – até

o reconhecimento de questões intrínsecas à história e à identidade da cidade.

O espaço ao ar livre, ao mesmo tempo em que deixa os alunos descontraídos, favorece a liberdade de expressão e o aprofundamento de alguns temas importantes para relacionar história local e nacional, como a relação da família imperial com a cidade de Juiz de Fora, a importância do Museu Mariano Procópio para a cidade e o país, a grandiosidade do acervo do museu, a importância da preservação dos museus e a manutenção da identidade através dessas memórias.

As tensões sociais e os processos de escolha e definição dos Patrimônios Culturais também podem ser abordadas através da leitura urbana e das demandas da localização do museu – enquanto tal e antes, quando de sua construção.

Apresentar, então, um espaço não formal de educação como uma alternativa de aprendizado aos alunos é enriquecer e dinamizar as ações pedagógicas do professor. A mudança do ambiente escolar aguça os alunos e ajuda a impulsionar o desenvolvimento cognitivo deles. A partir das reflexões das experiências vividas nesse novo espaço, outras perspectivas podem ser alcançadas, ampliando os domínios da História, a variedade de fontes e a importância dos múltiplos olhares.

2. SEDUZIDOS PELO PATRIMÔNIO CULTURAL: REENCONTROS COM A HISTÓRIA ATRAVÉS DE JOGOS

Lidar com o patrimônio cultural implica em estabelecê-lo como uma categoria de pensamento dinâmica e

extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana, já que todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento de objetos materiais, cujo efeito é demarcar um domínio

subjetivo em oposição a um determinado “outro” (GONÇALVES, 1996, p. 22).

Nesse sentido, ele se relaciona diretamente com a memória e a identidade dos grupos sociais, sendo uma forma mais concreta da representação da cultura, por meio de sua percepção física, ou ao menos visível, quando se trata de um patrimônio cultural imaterial, que demarcam traços culturais no tempo e espaço, ricos por sua força simbólica.

Por muitos anos, o patrimônio cultural carregou a função de forjar os elementos de pertencimento vinculados às identidades nacionais, e a escola foi um grande veículo para disseminar essa ideia, paradigma rompido ao perceber que as tensões políticas que guiavam esse processo não representavam a diversidade da sociedade. A partir de então, os silêncios também passaram a ser ouvidos como discursos.

Quando os Patrimônios Culturais são entendidos como práticas sociais e resultados de uma produção simbólica e portadora de referências às identidades e às memórias, tornam-se elementos para discutir a História e o cotidiano.

É reservado à História, nos anos iniciais, o eixo temático “História local e do cotidiano”. Dentro desse eixo, cabe o início das discussões sobre a identidade. Já nos anos finais do ensino fundamental, faz-se necessário o aprofundamento dessas reflexões e (re)pensar a História e a cidade em que se vive como um espaço plural.

O local e o cotidiano foram apresentados como locais de memória constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas e aproveitando o espaço dos jardins do Museu Mariano Procópio como laboratório de aprendizagem, inserindo nas brincadeiras guiadas questões reflexivas para despertar e construir, ao final da gincana, novos olhares sobre o espaço, a História e, também, a escola.

A História local foi grande aliada, já que requer um tipo de conhecimento diferente e dá ao professor

a facilidade de se viver e encontrar os ecos do passado a cada detalhe do que o rodeia. Conscientes de que o papel do ensino de História na construção da identidade tem como

objetivo fundamental, no ensino de primeiro grau (Ensino Fundamental), situar o aluno no momento histórico em que vive. [...] O processo de construção da História da vida dos alunos, de suas relações sociais, situados em contextos amplos contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer (ZAMBONI, 1993, p. 7).

Os alunos foram situados dentro de um espaço importante para a cidade e entenderam a relação que cada um deles possuía direta ou indiretamente com o museu e, através das atividades guiadas, os temas foram trabalhados pelas equipes em uma gincana, de modo que os objetivos, já mencionados fossem contemplados.

O primeiro passo foi deixar claro que todo espaço é um discurso em potencial e que deve ser entendido. O museu, seu acervo, seu entorno e as relações que os próprios alunos têm com ele, são discursos apresentados por linguagens diversas, mas que precisam ser compreendidos, como sinaliza Michel Foucault:

Um conjunto de discursos pode ser tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstruir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma. A análise do pensamento é sempre alegórica em relação ao discurso que utiliza. Sua questão, infalivelmente, é: o que se dizia no que estava dito? (1987, p. 31).

Fazer dos jardins do museu um espaço de aprendizagem é levantar questões sobre as “vozes que

falam” naquele espaço. Há muitos porquês a serem feitos e respondidos, especialmente com relação aos símbolos utilizados, que, para serem eficazes, precisam ser entendidos pelo seu público alvo.

Quais memórias são mostradas no espaço do museu? Que relações podem ser estabelecidas com a cidade hoje e no tempo em que foram construídas? Que relações de poder podem ser notadas? Esses embates simbólicos, que nos remetem aos jogos de poder e interesses apontados por Pierre Bourdieu, que fazem parte tanto da identidade quanto da memória nem sempre são percebidos pelos alunos, tratando-se de ações políticas tomadas para direcionar cada um deles, identidade e memória, a favor de ideais específicos em cada momento histórico.

A função daquele que hoje é um espaço museal alterou-se ao longo dos anos. Da mesma forma, símbolos e representações também sofrem essas mutações, de modo que:

É a ação política, não necessariamente partidária, que faz coincidirem memória, identidade e representação nacional (ou local) com pertencimento e operando no sentido de transformar “uma” representação nacional “na” marca expressiva do nacional (CHAGAS, 2003, p. 141).

A ideia de Chagas é válida para o contexto local. Ao usar o museu Mariano Procópio como início de conversa sobre as identidades, pouco se nota sobre os grupos mais empobrecidos da cidade. A voz que mais se ouve refere-se à família imperial, às relações comerciais da cidade com a então capital nacional e o seu crescimento industrial.

Direcionar as reflexões para essa percepção de silenciamento é promover uma releitura do passado e mostrar as ações das escolhas envolvidas na construção das memórias ali preservadas e transmitidas como identidade local, salientando que uma das funções do patrimônio cultural é, portanto, ser esse lugar de

memória, ao mesmo tempo em que possibilita discutir o que foi esquecido por opção.

Se alguns dos objetivos da História enquanto disciplina escolar

estão voltados para o desenvolvimento de atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas (BRASIL, 1997a, p. 49).

O espaço de um museu como o Mariano Procópio se apresenta como um terreno fértil para a execução de exercícios que ajudem os alunos a questionar o seu tempo presente e a formular as suas ações sobre o mundo, propício para se desenvolver a sensibilidade de ir além do que é explícito, de entender o que, em dado momento, foi um não significante por estar relacionado aos grupos que não eram os detentores do poder – e da palavra.

Dentro de uma visão mais ampla de História, o museu se apresenta como um local em que a necessidade e a importância de se discutir e pensar a cultura popular e as suas relações com a cultura dominante são mais tangíveis. O próprio entendimento do museu como uma fonte histórica favorece essas reflexões.

O encontro entre o patrimônio cultural e a História, então, para além de suas relações com a identidade e a memória já apontadas, podem levantar discussões também sobre o tempo histórico e cronológico e as fontes históricas, entre outras possibilidades.

Sobre a temporalidade histórica, entender as diferenças entre tempo histórico e cronológico é fundamental para o entendimento das percepções dos fatos estudados, o que pode ser complicado para alunos do ensino fundamental ao estudar períodos como o das revoluções do século XVII ao XIX.

As fontes históricas diversificadas para além de permitirem novos olhares sobre as construções das

memórias e identidades, também fomentam discussões sobre os vários momentos da história, seu entendimento e escrita.

O reencontro com a História e as memórias dos alunos se deu, então, em atividades elaboradas especificamente para esse projeto, como um caça-palavras, cujos conceitos principais eram lembrados; uma atividade de palavras cruzadas, que resgatavam elementos da fundação e desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora; mas o ponto máximo se deu com a atividade “Redescobrimo a História”, em que envelopes com informações e atividades variadas foram espalhados pelo jardim do museu e, à medida que as tarefas eram cumpridas, surgiam coordenadas para se chegar a outro envelope.

Além de estimular o trabalho em grupo e a articulação das ideias, as tarefas exigiam organização, cooperação e resgate, tanto das aulas teóricas quanto das informações passadas ao longo do primeiro momento exploratório do jardim do museu. Uma competição saía em que os alunos circularam livremente aconteceu.

A equipe de estagiários, pronta para oferecer qualquer tipo de suporte, acompanhou o deslocamento dos alunos, mas não interferiu em suas atividades. Por se tratar de um espaço fechado e com segurança, nenhum aluno, por mais solto que estivesse, deixaria o local da aula de campo e, livres, desenvolveram as atividades, cada grupo a seu tempo.

Do quebra-cabeças à produção de texto, das marcações em mapas à identificação dos elementos do brasão da cidade, as atividades variadas ocuparam todo o tempo de permanência no museu, restando ainda um período para uma troca de ideias sobre a atividade e para o lanche, momento em que a formatação diferenciada daquela experiência, daquela aula, foi apontada como única e valiosa pelos próprios alunos.

Os resultados obtidos foram além do esperado e, por mais revisões e reformulações que foram apontadas

pela equipe de trabalho, o objetivo de ressignificar o espaço do museu, as visões acerca da História, do patrimônio cultural e das memórias foi feito com sucesso, e os alunos souberam aproveitar aquele espaço para construírem novos saberes sobre sua própria cidade e perceber que a História permeia o seu cotidiano.

3. DIFERENTES LEITURAS DA APRENDIZAGEM: AVALIANDO OS TRABALHOS

A opção pelo trabalho com a história regional e local se deu pela possibilidade de contextualização da vivência em uma vida em sociedade e a articulação da história individual com a coletiva, uma vez que

a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e, igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (BITTENCOURT, 2009, p. 168).

Torna-se estreita a ligação entre a história local e a memória e os lugares de memória, o que facilita o inter-relacionamento com o patrimônio cultural. Para uma opção que se mostra tão ampla, as formas de avaliação também precisam ser diferentes das metodologias tradicionais.

Como a proposta de trabalho envolveu tanto aulas teóricas quanto experiências de campo, as avaliações foram diversificadas e se estenderam em todo o processo; considerou-se o conhecimento prévio, as hipóteses e os domínios dos alunos para relacioná-los com as mudanças que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem.

Todo o processo de crescimento dos alunos e seus desempenhos frente à novidade metodológica foram observados: desde o comportamento em outros espaços

que não a escola e seu trato social até a apreensão dos conteúdos e a condução de discussões temáticas, direcionadas ou espontâneas, refletindo nas posturas, intervenções didáticas e procedimentos adotados. Não foi realizada apenas uma avaliação dos alunos, mas de toda a construção do projeto enquanto alternativa de trabalho prático no ensino de História.

Por isso, a importância em ressaltar que foram consideradas questões das mais diversas, que perpassam desde o relacionamento e as sociabilidades dos alunos, de que forma estes fazem parte dos projetos coletivos da escola – pontos idealizados para estudantes dos anos finais do ensino fundamental – assim como reconhecer relações entre a sociedade, a cultura e a natureza, no presente e no passado; dimensionar, em diferentes temporalidades, as relações entre a sociedade, a cultura e a natureza; reconhecer laços de identidade e/ou diferenças entre relações de trabalho do presente e do passado.

Para preparar os trabalhos, foram confeccionadas apostilas com textos autorais e específicos que tocam várias áreas do conhecimento e que abordam temáticas relacionadas aos pontos escolhidos para esse trabalho, como a identidade, a memória, o patrimônio cultural e a história local.

O caderno conta com atividades para fixação de conteúdo, além de despertar reflexões e chamar para debate os conhecimentos prévios de cada aluno. Os mapas e cadernos de anotações usados ao longo das caminhadas e observações compuseram uma espécie de diário de campo. Uma série de fotografias sobre a cidade e do acervo do museu também foi fornecida como parte integrante das atividades de campo, mostrando como eram as paisagens.

A aula de campo configurou-se em uma metodologia de educação patrimonial, consonante com os pensamentos educacionais de alguns pesquisadores que percebem que

A preocupação com o Patrimônio Cultural e a sua inserção no sistema educacional vem aumentando tanto que é tema de diversos congressos no Brasil, nos quais foram aprovadas resoluções que demonstram essas inquietações. Enxerga-se na Educação Patrimonial o viés de ligação e canal de direcionamento para as ações que conjuguem educação formal e conhecimentos acerca dos patrimônios culturais (EITERER, 2012, p. 159).

Como ferramenta de provocação, a educação patrimonial cria situações de aprendizado à medida que enfatiza uma necessidade de repensar o passado para compreender o momento atual. Essas metodologias de trabalho em educação patrimonial são bastante abrangentes, uma vez que lidam com projetos multidisciplinares e que, segundo Monteiro, relacionam-se diretamente com:

diferentes conceitos, criam oportunidades para desconstruir verdades estabelecidas, instigar questionamentos e despertar o interesse para a diferença, pela experiência do outro, de forma a buscar compreender alternativas e construção histórica da vida social em perspectivas crítica (2007, p. 2).

Aumentou-se, com essa atividade, o diálogo entre o ensino de História e o lúdico, e esse diálogo aliou-se à importância social desse conhecimento na formação dos alunos, de modo a atender tanto aos PCN, que demonstram certa liberdade de implementações de alternativas que favorecem a compreensão dos alunos em relação ao estudo da memória na construção do conhecimento histórico, quanto às múltiplas possibilidades de experimentação dos espaços não formais de educação e metodologias da educação patrimonial.

ANEXO I

DESCOBRINDO OS JARDINS: DISCUSSÕES DE IDENTIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES

As atividades serão desenvolvidas, com os alunos, em três momentos, sendo dois deles em sala de aula e um em campo.

Todos os momentos serão avaliados enquanto construção do conhecimento dos alunos, além da participação, envolvimento, comprometimento, criatividade, responsabilidade e sociabilidade de cada um e do coletivo.

DIA 1

Em uma aula expositiva, relacionada à formação dos Estados nacionais do século XIX, destacar os temas a serem trabalhados em campo – identidade, memória, patrimônio cultural, símbolos nacionais – e articular cada um deles com a formação das nações e das cidades, especialmente Juiz de Fora.

Enfatizar a importância da História local e destacar pontos importantes da cultura e apresentar um breve histórico do museu e suas relações com a cidade.

Fazer o envio de circular aos pais requerendo a autorização para a saída da escola.

DIA 2

Recebimento das autorizações assinadas pelos pais.

Separação dos grupos de trabalho compostos por 6 alunos cada.

Nesse momento, os grupos receberão uma apostila com um breve histórico da cidade, do museu a ser visitado, com as regras a cumprirem no local da visita e serão informados sobre o andamento das atividades.

Os grupos deverão ter nomes relacionados com a atividade, podendo ser de um personagem ou conceito ou qualquer outro que se relacione com os objetivos da aula.

Nesse dia, cada equipe se reunirá para confeccionar a identificação de seu grupo.

CAMPO

Cada estagiário e/ou professor será responsável por monitorar uma equipe nos deslocamentos.

No museu, alguns estagiários e professores ficarão nos pontos das atividades, enquanto outros circularão pelo espaço para observar o trânsito dos alunos.

ATIVIDADE 1 – A HISTÓRIA PELO CAMINHO

Percorrer o trajeto do Colégio João XXIII até o Mapro, observando os principais patrimônios culturais, as paisagens urbanas, as interações do homem com o espaço.

No museu, marcar as localizações dos patrimônios culturais observados no mapa do trajeto.

LANCHE

Será feito um piquenique com os alunos que deverão levar os seus próprios lanches. O momento de sociabilidade contará também com observações e conversas dirigidas sobre o espaço, sua conservação e preservação.

ATIVIDADE 2 – A HISTÓRIA ESSE QUEBRA-CABEÇAS...

A partir de envelopes com mensagens em “alfabeto invertido” que conta sobre a história do museu e da cidade, os alunos deverão encontrar, pelas pistas decifradas, novos envelopes que conterão fotos recortadas como peças de quebra-cabeças. Serão, no total, 10 fotos iguais para todos os grupos.

Cada equipe deverá montar as imagens e criar um álbum que conte livremente a história da cidade e do museu.

ATIVIDADE 3 – REDESCOBRINDO A HISTÓRIA

Cada grupo receberá um envelope com uma tarefa final, para ser feita em casa e entregue na aula seguinte, na qual deverão escrever um texto com a avaliação da atividade, as suas impressões anteriores e, após a aula, as relações da história local com as suas memórias e as observações sobre a paisagem que viram.

DISCOVERING THE GARDENS: DISCUSSIONS OF IDENTITY, MEMORY AND CULTURAL HERITAGE IN THE MUSEUM MARIANO PROCÓPIO

Abstract

The intention of this article is to address the issues related to memory, identity and cultural heritage, based on a didactic experience carried out with the students of the eighth year of the College of Application of the UFJF in dependence of the Museum Mariano Procópio, in the city of Juiz de Fora. The activity was designed and developed with the trainees of the undergraduate course in History of the Federal University of Juiz de Fora

(UFJF) in the subjects of Didactics and Practices in Teaching History I and II.

Keywords: Identity. Memory. Cultural heritage.

DESCUBRIR LOS JARDINES: DISCUSIONES DE IDENTIDAD, MEMORIA Y PATRIMONIO CULTURAL EN EL MUSEO MARIANO PROCÓPIO

Resumen

La intención de este artículo es abordar las cuestiones referentes a la memoria, la identidad y el patrimonio cultural, a partir de una experiencia didáctica realizada junto a los estudiantes del octavo año del Colegio de Aplicación de la UFJF en las dependencias del Museo Mariano Procópio, en la ciudad de Juiz de Fora. La actividad fue pensada y desarrollada con los pasantes del curso de graduación en Historia de la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF) en las disciplinas de Didáctica y Prácticas en la Enseñanza de Historia I y II.

Palabras clave: Identidad. Memoria. Patrimonio cultural.

NOTAS

¹ Artigo elaborado a partir do projeto de trabalho sobre identidade, memória e patrimônio cultural, com previsão de aulas expositivas e práticas para confecção de materiais e culminância com aula de campo, elaborado para discutir questões e os conceitos-chave dentro do contexto da formação dos Estados nacionais do século XIX na Europa e Brasil, partindo da História local, conteúdo componente da grade curricular do 8º ano do ensino fundamental. A atividade foi pensada e desenvolvida com os estagiários do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) nas disciplinas de Didática e Práticas no Ensino de História I e II, sem os quais nada teria sido realizado. Dedicaram-se nesse projeto e merecem minha gratidão: Camila Carvalho, Daniela Miranda, Isaías Soares de Souza, Lucas Teixeira Neto, Otávio Augusto e Raquel Diogo.

² O Colégio de Aplicação João XXIII está ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi criado em 1965, para atender aos

licenciandos em termos de pesquisa e realização de estágios supervisionados..

³ O roteiro da atividade “Descobrimos os Jardins do Museu” encontra-se como anexo a este texto. .

⁴ Para essas experiências foram observadas ainda as orientações curriculares vigentes para o Colégio de Aplicação João XXIII, que se espelha na divisão adotada pela Universidade Federal de Juiz de Fora em seu Programa de Ingresso Seletivo Misto e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (nº 9.394/1996). .

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mariza Guerra de. O patrimônio na perspectiva da diversidade. In: PEREIRA, Júnia Sales; RICCI, Cláudia Spag. *Produção de materiais didáticos para a diversidade: patrimônio e práticas de memória numa perspectiva interdisciplinar*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação e Centro Pedagógico da UFMG, 2010. livro I. p. 67-88.

BERUTTI, Flávio. MARQUES, Adhemar. *Ensinar e aprender História*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos da ciência: por uma Sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença*. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009a.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009b.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

CANAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

EITERER, Edylane. (Re)construção das identidades? Patrimônio cultural e educação em debate. In: NAJJAR, Jorge. N. V. (Org.). *Políticas públicas em educação (e outras nem tanto): cidadania, trabalho docente e identidade*. Niterói: Intertexto, 2012

EITERER, Edylane. *Educação patrimonial no espaço escolar: discutindo identidade, diversidade, memória e patrimônio cultural*. Orientador: Jorge Nassim Vieira Najjar. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além de pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2003. p. 56-76.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. *Fazer e ensinar História: anos iniciais do ensino fundamental*. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1996.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museu Imperial, 1999.

_____. *Educação Patrimonial*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2003/ep/tetxt1.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Cida. O que eles já sabem? *Nova Escola*, São Paulo, n. 210, p. 98-99, mar. 2008.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BTTENCOURT, Circe (Org). *O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

ORIÁ, Ricardo. *Educação patrimonial: conhecer para preservar*. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/articulistas/articulista0003.asp>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RANGEL, Carlos Henrique (Org.). *Manual diretrizes para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: IEPHA, 2010.

ROMANO, Eliane P. *O trabalho com projetos: significados e práticas*. Campinas: Komedi, 2007.

ZAMBONI, Ernesta. *O ensino de História e a construção da identidade*. São Paulo: Secretaria de Educação/CENP: Argumento, 1993.

Enviado em 25 de janeiro de 2016.
Aprovado em 25 de fevereiro de 2016.